A HORA SOCIAL

Orgão da Federação dos Trabalhadores e do Proletariado em geral

ANNO II NUMERO 78

Recife, 3 de Julho de 1920

Redação e officinas: Praça do Carmo 107

Endereço Telegraphico: "HORA"

Toda correspondencia deve ser dirigida ao camarada José de Britto, Praça do Carmo 107, andar terreo

A Hora Social

Pode dizer-se que A HORA SOCIAL volta a representar no Norte o alto papel a que está fadada. Houve um momento no qual nos apercebemos que uma reação inconsciente se vinha operando em torno do programma que ella se traçou com o camarada A. Correia na sua redacção. Tal movimento foi ganhando terreno, a tal ponto, que aquelle companheiro sentiu necessidade de declinar da investidura do seu cargo. Substituiu-o o camarada Alcides Rosa, tambem fundamentalmente idealista, collocando o seu olhar no futuro, o qual apenas numa edição prestou o seu concurso. A situação desta folha era critica.

Perder ella a posição que brilhantemente consquistou nos meios revolucionarios do paiz e do extrangeiro?

Não; era mister um contra golpe.

Então, os camaradas Alcides Rosa, J. Britto, Syndulpho Josué e A. Correia deliberaram enviar uma proposta á Federação dos Trabalhadores, expondo com franqueza e lealdade um programma de acção, quer na parte intellectual, quer na material, inteiramente accórde com a corrente evolutiva do Socialismo, declarando-se fieis aos methodos de lucta do «syndicalismo revolucionario,» sendo A HORA SOCIAL orgão da Federação, mas imprimindo-se a esse orgão o pensamento anarchista.

A proposta foi, por maioria, acceita com agrado.

Desta sorte, sahe esta edição de hoje inteiramente transformada naquelle sentido.

Contamos nos não faltarão os estimulos positivos dos trabalhadores, não somente de Pernambuco, mas do Brazil inteiro E' preciso adoptar uma nova tactica, um novo methodo de lucta.

O desconhecimento das doutrinas anarchistas, nos proprios centros syndicaes, é um facto incontestavel. Urge que os anarchistas brazileiros reajam com efficacia, formando uma só frente em todo paiz, abandonando a ideia de grupos esparsos.

E' urgente militar nos proprios centros syndicaes, diffundindo as doutrinas anarchistas com precisão, com claresa, francamente.

Façamos a propaganda. Façamos de cada syndicado um syndicalista, de cada syndicalista um revolucionario e de cada revolucionario um communista—brada-nos um minoritario francez.

Pois camaradas, mãos á obra.

Ajudae-nos.

Jouhaux—trés bon...

Numa rapida palestra, na ultima quarta-feira, com um rapido amigo francez — conver a que eu mal podia sustentar - falando se sob multiplos assumptos, veio á baila o secretario geral da C. G. T. de França.

O meu interlocutor, com evidentes mostras de satisfação, dizia que Jouhaux era patriota, havia, na hora tragica da guerra imperialista de quatro annos, lançado, como dono que é do grande organismo proletario francez, a ordem de adhesão á carnificina...

--Si; Jouhaux, trés bon...

Evidentemente, o meu arguto gaulez, que fizera tambem a guerra, não tinha outra noção de patriotismo que não a de defender o mercantilismo burguez da sua França, ameado pelo da Allemanha temivel.

E, por isto, «seulement par celá», Jouhaux, com o seu joguinho já descoberto pelos minoritarios, com a sua ordem de adhesão á guerra, conquistou as largas sympathias burguezas da França capitalista.

Um trahidor, é que elle é, unicamente. Homem que está se perpetuando no cargo de secretario, Jouhaux delle se serve para attender aos interesses da burguezia moribunda, creando um exdruxulo syndicalismo democratico, que eu comprehendo seja uma guerra á guerra de classes, da qual sahirão o mundo novo e a humanidade reabilitada.

Ora, Jouhaux—trés bon... Por que?

Apenas pelo facto de estar manobrando dois milhões de syndiccdos— que são levemente, talvez, syndicalistas — ao sabôr dos interesses do capitalismo explorador da generosa França de 89.

Sim; Jouhaux é magnifico para os burguezes, mas estorvo terrivel, impecilho extraordinario, á revolução, á transformação social, á emancipação dos trabalhadores— e como tal, combatido pelos minoritarios, que são a vanguarda revolucionaria de França.

E' o caso de repetir, como o meu francez: —«Si: Jouhaux — trés bon... pour la bourgeoisie...»

A. CORREIA.

Acaba d[illegible]e fallecer, em Santa Rita de Sap[illegible]cahy, Estado de Minas, logarejo [illegible] onde se recolhera, o sr. Delphim [illegible] Moreira da Costa Ribeiro, vice-presiden[illegible]e da republica.

O «pranteado» [illegible] morto (os crocodillos tambem prantean[illegible]) que ainda hoje recebe as homenagen[illegible]sthumas do mundo official, foi com[illegible]heiro de chapa do sr. Rodrigues Al[illegible]ves, como elle invalido e com elle triump[illegible]hou nas pugnas eleitoraes que os leva[illegible]ram ao Cattete.

Quando morre[illegible]o sr. Rodrigues Alves, um candida[illegible]to, digno delle, pela sua reconhecida inv[illegible]alidez e outros requisitos indispensave[illegible]is ao regimen republicano, apresento[illegible]u-se aos suffragios da nação. E foi ac[illegible]ceito. Mas, hoje, quem poderá substit[illegible]uir o sr. Delphim?

Não haverá [illegible]por ahi algum capenga, epileptico ou paralytico que queira ser vice-presidente da Republica?

Está aberta a concorrencia publica.

Que vem a ser Revolução Social?

Palavras opportunissimas

Muita gente está acostumada a encher a bocca com a Revolução Social. Os militantes do nosso incipiente syndicalismo, nas arengas que produzem, falando a camaradas muitos dos quaes comparecem ás sessões pela vez primeira, esforçam-se por dar a entender o conceito de Revolução.

Temos ouvido de diversos que «só se fará a Revolução Social com muito dinheiro». E, segundo este conceito, os trabalhadores não a farão jamais, precisamente pelo facto de não terem muito dinheiro.

Este erro de interpretação tem dado logar a que os nossos inimigos digam que queremos destruir tudo, só falando em Revolução, exaltados, diante dos espantosos quadros de miseria social presente.

Quer isto dizer que, como a palavra Anarchia, a palavra Revolução é interpretada, e por muitos que se dizem revolucionarios, como sendo os homens de armas na mão a se exterminarem. E, para elles, a Revolução Social é assim.

Mas, pelo contrario, da luta entre os homens, cada um do seu lado, pode ser que não resulte a Revolução Social a que nós aspiramos. Poderá, perfeitamente, apenas, uma grande Reforma, como na Russia, resultar e não a Revolução Social.

Mas, poderão objectar-nos, si na Russia se não operou a Revolução Social é porque é necessario um periodo que a prepare. E nós concordamos, porque a natureza não faz saltos.

Mas enfim que vem a ser a Revolução Social?

E', nada mais, nada menos, do que uma completa transformação da vida social em todas as suas manifestações; e a installação de um regimen no qual o trabalho productivo não seja determinado apenas a uma porção— a maioria ou a minoria, pouco importa— mas a todos os homens.

A Revolução Social modificará tudo profundamente. Ella destrõe o que existe, ao mesmo tempo que constróe. E não ha nisto contradicção.

Ora, é logico que uma Revolução assim não se impõe pelas armas. Ella nascerá de um conjuncto de circumstancias que são postas em evidencia por meio da propaganda.

Si não dissermos aos homens, aos homens que vivem neste regimen de explorações, que têm direitos, não os conhecerão elles nunca.

E' tambem falso o conceito de que nós, trabalhadores, após a Revolução Social, feita a transformação da sociedade capitalista, nos apossaremos das riquezas, das utilidades, fazendo o que combatemos hoje nos burguezes — tornando nos burguezes, e estes tornando-se operarios.

E' necessario esclarecer este ponto, porque è servindo-se da falsa interpretação que nòs proprios damos ás cousas, é servindo-se della que os nossos inimigos procuram atrahir o odio sobre nós.

Porque, na realidade si fosse aquella a finalidade da Revolução Social, haveria justificativa na attitude dos burguezes. E isto em virtude de que não ha quem não defenda a cousa da qual alguem quer apossar-se para seu exclusivo beneficio.

E' preciso ter o maximo cuidado na obra de propaganda revolucionaria. E' contraproducente, porque desperta protestos que geram odiosidades, dizer-se que nós, os trabalhadores, queremos tomar o seda, o ouro da burguezia, para nos tornarmos burguezes. Isto é uma mentira que trabalhadores têm proclamado com ares de quem diz cousa certissima.

A Revolução Social não virá nos trazer os privilegios da burguezia, porque ella virá acabar com todos os privilegios, unindo os homens fraternalmente, afim de que todos gozem dos beneficios actualmente só accessiveis á classe capitalista, extinguindo-se as classes e fazendo imperar na familia humana a lei da solidariedade, do apoio mutuo.

A Revolução Social, pois, antes de ser «feita» pelas armas, COM MUITO DINHEIRO, virá quando os trabalhadores, a classe opprimida, que é a mais numerosa, comprehender que não somente a ella incumbe amassar o pão com o suor do seu rosto— pão ao qual ella, a classe trabalhadora, si bem que o produza, não tem direito.

Allíança graphica

Os alevantados propositos dos graphicos de Pernambuco e Bahia

Este movimento que se vem operando no sentido de estabelecer uma indestructivel alliança entre os camaradas graphicos desta cidade e da Bahia, dá claramente uma mostra de que se comprehende a necessidade da união, que faz a força.

Ainda mais: é uma honra para os iniciadores de tão bella campanha.

Porque, è já tempo das grandes classes, que muito podem fazer em prol da nossa obra, se colligarem. No Brasil, por exemplo, não se esboça ainda um organismo proletario nacional, abrangendo todo o vasto territorio do paiz.

E nada mais eloquente, do que esta alliança que se funda, a qual, por si só, vale uma affirmação.

Seria conveniente que a alliança graphica se estendesse por todo Brasil dando nascimento a uma Federação Graphica Nacional, organismo vivo, palpitante, harmonioso, que veria pôr em destaque o nosso movimento proletario. Não se objecte que esta idéa seria impraticavel, porque, effectivamente, não é. A classe graphica, como as de transportes maritimos e terrestres e a metallurgica, precisa ter a mesma idéa predominante em todo o Brasil.

E, depois, o estreitamento das relações entre esta poderosissima classe — ella que pode, num momento, com um gesto, fazer calar a bocca mentirosa da imprensa capitalista—seria solidifical-a: tornal-a grande fal-a forte realmente.

Estes commentarios vão á margem desta alliança que se estabelece agora. E' um movimento que nos fortalece, que nos revigora.

Já, entre nós, se estendem as mãos fraternaes dos trabalhadores, apertando-se por sobre os mares, reunindo-se numa só luminosa idéa de liberdade.

Este passo da União Syndicalista dos Artistas Graphicos tem, pois uma formidavel significação.

E, têm tanto maior valor as nossas quentes palavras de applauso, quanto, por circumstancias que vão tendendo desapparecer, entre nòs e os graphicos, ou os «leaders» da classe, ha discordancias de modos de ver.

Que com esta alliança, que creará uma só frente graphica, fructifique o luminoso exemplo, creando-se em todo Pernambuco uma só frente proletaria

—

No dia 27 do corrente, a União Syndicalista dos Artistas Graphicos offereceu um almoço, ás 13 horas, á delegação dos nossos camaradas graphicos bahianos.

Sentaram-se á mesa treze camaradas. Ao pospasto falou o camarada José Elesbão da U. S. A. G., agradecendo, a seguir, o companheiro Felinto de Souza, representante da Uuião Graphica Bahiana.

Ainda usou da palavra o camarada José Medeiros.

O ágape decorreu na maior cordialidade, notando-se a magnifica harmonia enrte quantos no mesmo tomaram parte.

Foram erguidos muitos vivas enthusiasticos. Depois a commissão seguiu com o representante da Graphica a visitar os suburbios.

O Syndicalismo

No intuito de facilitar aos trabalhadores o conhecimento da importantissima obra sociologica «O Syndicalismo.» de Henrique Leone, traducção de Manuel Ribeiro, começaremos a publical-o na proxima edição desta folha, em folhetim.

Chamamos a attenção dos nossos camaradas para a publicação desta obra, que não se encontra á venda nas livrarias desta cidade, porque poderão compendiar os folhetins publicados e desta forma o terão.

O SYNDICALISMO de Leone è um livro que todos os trabalhadores devem conhecer, porque é um excellente guia theorico.

"Memorias de um exilado"

Acabo de ler «Memorias de um exilado», vibrante opusculo que o seu auctor, o prezado correligionario Everardo Dias, teve a gentileza de endereçar-me, com uma amistosa dedicatoria.

E' uma elegante brochura de 102 paginas, na qual a brilhante penna de Everardo traçou nitidamente, os episodios da sua deportação.

Escripto numa dialectica elevada e castiça, e num estylo impressionante, ora limpido, fulgurante e delicado como o proprio espirito do auctor, ora vivo, impetuoso, candente, como os sublimes accordés da «Internacional», «Memorias de um exilado» é um formidavel libello contra a prostituição do regimen repeblicano, é um grito de dôr e de indignação, de protesto e de revolta, contra as miserias e infamias praticadas pelo governo paulista e sanccionadas pelos altos poderes da Republica.

Habituado a assistir aos attentados mais brutaes à liberdade de pensamento, ás coacções mais insolitas, ás perseguições mais estupidas aos homens livres que têm a coragem de fazer a analyse anatomica do organismo das actuaes instituições religiosas e politicas, nunca, porém, o meu espirito vibrou de tanta indignação e revolta, jamais sentiu tanto asco e tamanha dôr, como durante a leitura do martyriologio de Everardo Dias e de seus vinte e dois companheiros.

De facto, a oppressão exercida pelo parasitismo politico-clerical de S. Paulo contra o jornalista libertario, cujo crime unico foi possuir a independencia moral e intellectual precisas para denunciar e verberar as grandes patifarias do concubinato Altino-Leopoldo, excede tudo quanto de mais indigno e perverso se tem praticado até hoje na ultra-democratica republica brasileira.

Parece que o espirito reaccionario da Hespanha inquisitorial e jesuitica andou insinuando, inspirando o governo paulista na concepção e execução do ingnobil plano com que se pretendia fazer emmudecer, quiçá para sempre, o nosso correligionario.

Reflectindo sobre os soffrimentos de Everardo nos calabouços de «Villa Mathias», em Santos, vieram-me á memoria os amargurados e ultimos dias vividos por Ferrer nas prisões de Barcelona.

A immensa immundicie, a mesma recusa de alimentos, os mesmos vexames e humilhações, a mesma insolencia dos soldados, a mesma sordidez das autoridades ineptas, sequisiosas de sangue.

A analogia entre os dois dramas è flagrante. Apenas um contraste no epilogo.

Na Hespanha, depois de uma ridicula farça processual, Ferrer cahia, atravessado por uma duzia de balas, para regalo da dynastia e do clericalismo hespanhoes. No Brasil, onde o jesuita Altino Arantes copiou, servilmente, os requintados processos de perversidade de Maura e Affonso XIII, felizmente, graças à brilhante e vehemente campanha promovida por Mauricio de Lacerda, Thomaz Cavalcante e Nicanor do Nascimento, o governo da Republica revogou o acto da expulsão de Everardo, confessando, dest'arte, publicamente, que havia commettido um acto arbitrario, attentatorio á Constituição.

A meu ver, tudo isso é bem a caracteristica da fallencia dessa republica burgueza-clerical em que, hoje, está transformada aquell'outra republica com que nos presentearam a 15 de novembro de 89.

Sim, porque, quando os governos, não satisfeitos com todos os elementos de defeza de que dispõem, desde as leis sediças ás baionetas e metralhadoras das policias e dos exercitos, despresam todas as noções juridicas e moraes e commettem a tolice de tentar supprimir a liberdade de pensamento, é que temem pela sorte desse regimen poluido, cuja estructura se vem procurando solidificar com algamassa de saugue e de cadaveres.

São essas as consequencias que deduzo. E na perspectiva do desastre, inevitavel, por certo, pois que é a resultante de uma lei historica, resta e tarmos preparados para inaugurar o verdadeiro regimen da liberdade, libberdade que è a sublime aspiração dos povos, que é a vida e que é o bem supremo, como dizia Rousseau.

CARLOS PASSOS. (Oliverio Dupont)

AOS CAMARADAS

Uma secular experiencia demonstrou já que a cooperativa de producção, mais cedo ou mais tarde, como Saturno devorando os filhos, marca os seus promotores com a chancella de capitalistas. -HENRIQUE LEONE.

A proposito do recenceamento

Os patrioteiros de cavação

Está se approximando o dia marcado para se effectuar o recenseamento geral da Republica.

Por todo paiz uma malta de patrioteiros de cavação age... sorvendo os dinheiros que o Estado rouba do nosso trabalho atravez o filtro dos seus impostos.

E, é opportuno perguntar-se, o recenseamento virá tirar-nos desta situação de miseria em que vivemos?

Absolutamente.

E' uma farça republicana, para os afilhados encherem o bandulho.

Nós, trabalhadores, não devemos prestar nenhum apoio a este recenseamento que não nos serve, nem nos virá trazer qualquer beneficio.

Que temos nós com o recenseamento? Virá elle resolver o nosso problema? Teremos casas hygienicas para morar? Alimentação sadia? Conforto moral? Instrucção gratuita?

Não; nada disto.

Logo: é dever de cada trabalhador boycottar» o recenseamento em represalia aos actos do governo da republica, prendendo, espancando, deportando nossos camaradas e invadindo sédes de associações operarias.

Boycott ao recenseamento!

Não preencher listas, nem fornecer informações a ninguem!

Romper as listas que nos fornecerem!

Em torno da greve das officinas de Santo Amaro

Commentarios á margem

Os nossos dedicados camaradas das officinas metallurgicas da «Pernambuco Tramways», em Santo Amaro, num justo movimento de protesto, porque uma pena injusta ia ferir a um companheiro, levantaram-se em parede, na tarde de 28 do mez findo, exigindo a readmissão do mesmo.

E foi o que aconteceu.

Em torno deste pequenino movimento, que, não obstante, teve um alto cunho de significação moral, vale a pena bordar commentarios, por certo muito opportunos.

Nós andamos um pouco desconcertados com a idéa cooperativista que está fazendo epoca no seio da grande classe metallurgica. E, digamos com franqueza, somos inteiramente contrarios ás cooperativas, qualquer que seja elle—de producção ou de consumo. Mas, isto não vae ao ponto de pretendermos abrir lucta. Dizemos verdades, que podem ser amargas. Mas—lá diz a sabedoria popular—mais vale uma verdade amarga do que uma dôce mentira.

Mais tarde ou mais cedo os camaradas metallurgicos verão que perderam o seu tempo, entregando-se de corpo e alma a essa aventura cooperativista.

Mas, a greve da tarde de terça-feira, assume para nós um aspecto confortador. E' a solidariedade moral, mais bella, certamente, falando a irmãos, avocando-os a proteger um companheiro!

E, movimentos assim, que não visam reclamações de salario, são relevantes, marcam uma epoca, e offerecem um testemunho de que nem tudo está perdido. Pode ser que ainda os camaradas metallurgicos não tenham muito bem examinado a greve ultima.

Pois que a examinem e vejam que ella é um movimento nobre, eloquente, significativo.

Muito bem.

O pulpito foi sempre isto: o canno de exgoto de que se serve o clero para distillar toda a sua divina peçonha.

O nosso movimento syndical

Vida associativa dos camponezes

Syndicato de Officios Varios de Limoeiro

Tem funcionado regularmente o Syndicato de Officios Varios de Limoeiro, recentemente installado naquella cidade sob os auspicios do Syndicato dos Metallurgicos.

Na reunião de quarta-feira ultima do Concelho Federal dos Trabalhadores de Recife, foi lido um officio dos companheiros limoeirenses, o qual prestava informações acerca do movimento associativo, contando-se já syndicados quarenta trabalhadores. No officio, os camaradas de Limoeiro solicitavam a ida de uma commissão ali afim de dar andamento a varias questões que elles se encontravam em difficuldades para resolver.

O Concelho Federal resolveu enviar proximamente uma commissão.

E' preciso que os camaradas limoeirenses ajam por si sós. O Syndicato é organisado pelos proprios trabalhadores, sendo dirigido pela assemblea e tendo uma commissão executiva. Esta commissão não faz couza alguma sem que a assemblea lhe dê autorisação. Deve sêr feita a maior propaganda possivel entre os trabalhadores do campo, conduzindo-os ao syndicato. Nada de permittir a interferencia nos negocios syndicaes de pessôas extranhas, isto é, que não sejam trabalhadores de qualquer officio, salariados.

Quanto á diffusão da A HORA SOCIAL que o camarada 1· secretario se incumba da vendagem, enviando o producto ao gerente desta folha.

Emquanto não houver cadernetas, o camarada 1. secretario annote numa folha de papel o nome dos socios estabelecendo uma quitação razoavel, por semana, duzentos reis, por exemplo. Nesse dinheiro não se toca; é para as despesas da associação.

Que os camaradas escrevam todas as semanas á Federação dos Trabalhadores, praça do Carmo n. 107, 1· andar, dizendo como vae a associação e aguardem a ida da commissão.

Syndicato de Officios Varios de Nazareth

A Federação dos Trabalhadores acaba de receber um officio do Syndicato do Officios Varios de Nazareth, solicitanão a ida de uma commissão até ali, afim de impulsionar o movimento associativo. O camerada Enedino de Araujo, valoroso elemento que se conta naquella cidade, tem demonstrado muito amôr áquella associação, esforçando-se por tornal-a forte.

E' assim que os trabalhadores conscientes operam.

A Federação resolveu acceder ao pedido dos companheiros de Nazareth, onde está um dos nossos camaradas que muito poderão fazer em prol da organização syndicalista local. E' o companheiro dr. Ch. Cordeiro. Que os camaradas o procurem e solicitem delle que os ajude. Elle não se negará, pois é um velho militante do nosso movimento nesta cidade.

Pedimos ao companheiro Enedino que se interesse vivamente pela diffusão da A HORA SOCIAL e nos escreva todas as semanas, dando informações sobre o syndicato.

União dos Operarios de Floresta dos Leões

Vão effectivamente muito bem encaminhados os trabalhos da União dos Operarios de Floresta dos Leões. Conta-se como verdadeiramente dedicado o camarada 1· secretario, pela sua actividade e amôr á associação.

Depois, a presença de um delegado dos camaradas de Floresta ás sessões da Federação é de um valôr extraordinario. Elle será sempre o fiel interpetre dos sentimentos dos companheiros florestanos.

E' preciso, porem, activar, accelerar a propaganda associativa dos trabalhadores do campo.

Sabemos que os companheiros de Floresta já conseguiram uma victoria. E' necessario trabalhar para estabelecer o regimen de 8 horas de trabalho, a uniformisação dos salarios nas roças e engenhos proximos.

Faz-se necessario, porem, arrigementar os trabalhadores do campo.

Precisamos que os camaradas do Floresta se interessem pela A HORA SOCIAL.

Vejam a quantidade de jornaes que podem vender e nos auxiliem na manutenção deste jornal, que é orgão dos trabalhadores de Pernambuco.

Para a semana, esperamos alguma decisão neste sentido.

Syndicato de Officios Varios de Jaboatão

Esta noticia, infelizmente, vae destoar das anteriores.

O Syndicato de Officios Varios de Jaboatão não funcciona ha já muitos mezes, estando a propaganda arrefecida.

Tambem a União Ferro-Viaria, pode-se dizer, açambarcou a maioria dos associados.

E' uma pena deixar que uma sociedade de tão bellas tradições no movimento syndicalista haja entrado num periodo de decadencia. Teriam já os trabalhadores de Jaboatão se libertado do jugo da sociedade capitalista? Qual; sabemos até que na Fabrica de Papel dali voltou a organisar o regimem das dez horas de trabalho e que o mesmo succede nos engenhos e usinas do municipio. Estarão dormindo os escravos do patronato em Jaboatão? Pois é preciso despertar, para contemplar o sol radiante que se levanta do Oriente, da Russia.

Vamos, mãos á obra, trabalhadores, que a vossa redempeção sò póde sêr feita por vós proprios.

Syndicato de Officios Varios de Garanhuns

Nehuma communicação recebemos dos camaradas de Garanhuns.

Funccionará ainda o Syndicato dali?

Talvez sim, talvez não.

Essa falta de informações, esse lamentavel descuido em não nos enviarem um officio ao menos duas vezes por mez, não vae bem. Queremos saber do que ha, como vão os negocios da agencia da A HORA SOCIAL, o movimento associativo, tudo emfim.

Aqui estamos, pois, a esperar que esta noticia desperte a attenção dos companheiros de Garanhuns

Queremos estabelecer um mutuo entendimento, para bem da nossa obra. Que nos digam, portanto, alguma cousa sobre a vendagem da A HORA SOCIAL, porque ella necessita da cooperação de todos os trabalhadores conscientes.

Aviso

Solicitamos dos camaradas secretarios syndicaes o obsequio de fornecerem notas sobre as sessões, communicações referentes aos syndicatos e avisos até sexta feira ás 12 horas, todas as semanas.

Contamos a coadjuvação necessaria de todos os companheiros de bôa vontade, afim de que esta secção seja o transumpto da vida associativa dos trabalhadores.

Palavras de um dos gigantes da Russia

COMO TCHICHERINE FALA A UM JORNALISTA FRANCEZ

MOSCOU. Abril de 1920.

São 5 horas da tarde. Uma neblina fria e pardacenta como que mysterioso manto, envolve a cidade, a tradicional Moscou, a ex-residencia imperial, a ex-villa santa. Anciosos, procurámos pelos bolsos aquelle pedacinho de papel, singular autorizaçãe que nos abriu as portas da Russia bolsheviki. Sim, nestas regiões libertadas do tzarismo e subjugadas á dictadura proletaria, até para se olhar de relance a abobada celeste é necessaria a autorização passada pelos commissarios do povo.

Dirigimo-nos ao Commissariado dos Negocios Estrangeiros, installado nas immediações do Hotel Metropole. Chegámos e após longa espera, durante as horas que os caprichos dos auxiliares de Tchetcherine determinaram, eis que um camarada mal encarado e mal vestido, indagou do nosso nome, examinou os nossos passaportes, lançou novas rubricas inintelligiveis e superiormente disse

— O camarada Tchitcherine vos receberá com prazer, ás 3 da madrugada.

— A's 3 da tarde rectificámos.

— Não, camarada; nesta mesma noite ás 3 horas!

Duas horas da noite. Caminhavamos silenciosos pelas ruas desertas e nevadas. De quando em vez horriveis amentoadas de figuras dantescas mudam o scenario. São pobres individuos, na maioria velhos e creanças, que aguardam ás portas de negras casas, a distribuição de horrivel pão que será feita ás 8 horas da manhã.

O camarada Tchitcherine é pontual. A's 3 horas exactas fomos introduzidos em seu gabinete.

UM COMMUNISTA DESDE ANTES DA COMMUNA

O commissario dos Negocios Estrangeiros é um communista perante a Communa. Seu passado é um attestado vivo de enthusiasmo e dedicação á causa que abraçou. No exercicio do novo cargo sua figura se tem destacado e hoje pertence ao dominio internacional. Sua politica é superior e idealistica, não apresentando as baixeza da seguida pelos seus collegas de directorio. E', emfim, um espirito culto e um diplomata de personalidade distincta.

A POLITICA BOLSHEVIKI

Condemna-se como deshumana e barbara — assim respondeu Tchicherine ás nossas primeiras perguntas — a politica que seguimos. Entretanto, conhecendo-a verificar-se-á que ella é limpida e pura. Praticamos exaggeros, è verdade, porèm somos obrigados pela premencia de defesa. Anciamos pela paz com o mundo inteiro e não somos inimigos, pois consideramos todos como nossos amihos. Espere a passagem do vendavel. Guerrêamnos e somos obrigados a nos defender.

Quando os Estados que nos combatem deporem as suas armas, nós tambem depomos as nossas e logo nos esquecemos da luta. Comdatemos pela felicidade do povo russo e a felicidade dos povos. Não aspirando conquistas, senão a de estabelecer, sem fronteiras de interesses, a concordia entre todos os homens, nós agimos não como no antigo regimen pela oppressão para possuia, mas libertando para receber.

Nós temos necessidade—accrescentou Tchicherine—de que todas as vias de communicação do mundo nos sejam abertas. Por exemplo:—não podemos viver sem os Dardanellos. Era uma necessidade sob o regimen de Czar. Pois tambem o é sob o do proletariado. Sòmente o Czar acreditava que para obter os Dardanellos seria preciso detel-o. Elle queria apossar-se de Constantinopla e metter a chave em seu bolso, como se dizia. Nós, porem, nos dirigimos ao povo turco—Por que querer suffocar um outro povo? perguntamos-lhe: não interrompa o caminho por onde elle deve passar. E assim,—disse sorrindo o commissario dos negocios extrangeiros — não teremos necessidade da chave no bolso si, pela vontade dos povos, não existirem mais fechaduras».

Neste momento a um nosso gesto derrubamos uma enorme pilha de livros da mesa de Tchicherine, que se encontrava numa verdadeira desordem.

O VENTO DAS IDE'AS...

— Não é nada, disse-me com o seu sorriso puro; eu tornarei a arrumal-os. E continuou:

— Homens politicos e governos nos accusam de trababalhar contra os seus interesses. A Inglaterra vê em nòs para as suas possessões da Asia, os mais perigosos dos inimigos. Ella nos accusa de incendiar os seus dominios. Mas se o fogo ameaça os seus dominios não somos nós que o acendemos. Não é necessario nos accusar por que isso é uma força independente da nossa vontade; é o vento das idéas. Primeiramente este vento jorrou sobre nós. E vae mais longo. Soprará o mundo inteiro! Se não nos podemos nos guardar delles como poderemos guardar os outros povos?

—E a politica do Soviet para com a Allemanha? fizemos.

— Nós não temos politica especial para a Allemanha.

— O sr. conhece uma das primeiras accusações que a Entente formulou contra a Republica de que os membros dos soviets eram agentes da Allemanha?

— A isto nós respondemos que temos a convicção profunda que assignando o tratado de Brest, longe de trahir á Entente antes a auxiliamos poderosamente. Fomos nós, por este acto, que demos o primeiro golpe contra o imperialismo allemão.

Se somos portadores de microbios como se diz, foi a Allemanha entrando em relação com ella que nos trasmittiu e isto em que momento? Justamente no momento em que a Entente tinha necessidade que uma epidemia se declarasse sobre o moral allemão.

Assim á accusação que se nos lança nós respondemos contratriamente: — «nós auxiliamos foi a Entente».

OS OPERARIOS ALLEMÃES

— E' exacto que dez mil operarios allemães acabam de chegar á Russia com permissão do governo dos Soviets?

— Não são dez mil operarios allemães, são cem mil que nos pedem permissão para vir trabalhar na Russia. Agora mesmo uma delegação para tratar dessa permissão se encontra em Moscou. Não podemos porem acceitar a proposta em massa. Não temos necessidade senão de especialistas; se forem dez mil podemos acceitar».

Deante desse ministro apostolo dos negocios estrangeiros, temos a impressão de que são menos os factos que a philosophia de seu systema que o preoccupa. E' um sonhador constante.

— Que temos uma politica allemã? Oh! como ainda estamos tão longe de ser comprehendidos na Europa!

E quanto ao mais se algum povo ou governo tem esclarecimentos a nos pedir, se a França ou a Allemanha querem saber alguma coisa soqre a Russia, ahi estão as nossas estações de telegrapho sem fio. Que se nos questione. Esperamos e re ponderemos com a maior clareza.

E deixamos Tchicherine.

Elle tinha falado por mais de uma hora com voz angelica e franca. Eram pouco mais de quatro da madrugada...

Notem!

E' espantoso o modo por que vae sendo dirigida esta infeliz republica, que tem o pomposo titulo de democrata.

Ou a democracia é uma palavra vasia de qualquer sentido, ou então é uma burla pregada ao povo que a acceitou sem um protesto, na esperança de melhores dias. A prova ahi está na creação do Supremo Concelho, composto dos ex-presidentes e ex-vice-presidentes, vencendo cada um a ninharia de 36 contos annualmente.

Ora, sem haver esse reducto de repouso custeado pelo zé-povo, faz-se questão fechada para se ir ao Cattete, vejamos depois que elles tiverem a certeza de que, por uma lei arranjada pelos representantes do povo, irão, findo o periodo governamental, descançar das fadigas governamentaes em uma rêde de pennas, trabalhada por mãos indigenas e vencendo cem mil réis diarios!

Toda a questão será levantada para chegar se áquella cadeira: já não era por amor á patria e agora peor; porque antes desse Supremo Concelho, o chefe do executivo era reduzido á sua condição primitiva, voltava para o posto de onde havia sido guindado.

Agora, porém, não tem mais necessidade de uma senatoria. Governe bem ou mal, seja bom ou pessimo, o seu descanço está preparado, desde que chefe da nação. E ainda pensa muita gente que somos um povo democrata!

Um presidente de republica é um funccionario eleito pelo povo para dirigir os seus destinos durante um certo tempo. Findo o seu periodo de mandonismo, volta o presidente a ser um homem commum, sujeito ás mesmas leis como qualquer outro, e até mais, visto ter mais conhecimento das leis que forgicou. Essa é a base da politica democratica. Esses senhores, porém, temendo a pena de talião, horrorisando-se do ostracismo, receiosos de serem forçados a trabalhar para outros que lhes podem fazer passar dias amargos, tratam de edificar o seu retiro, para estarem sobrepujantes, acastellados, transformando a popularidade republicana numa corte de magestade disfarçada.

E não será por essa razão que temos 15 mil creanças analphabetas, afóra um não sei que numero de adultos de todas as edades? Penso que sim!

Vejam bem os operarios, esses eternos parias da actual sociedade, quanto somos enganados. Mirem-se nesse espelho e horrorisem de continuar a servir de escada a esses senhores. Lembrem-se de que um operario que trabalha dez annos ou menos em uma fabrica, sob todas as sujeições; que exgotta a sua força, a sua intelligencia, a sua saude, emfim, apenas decahae um pouco, é immediatamente enxotado como um cão rafeiro, atirado á rua sem a menor consideração, ou então compram-lhe o silencio quando elle mais não pode encetar uma nova vida.

Ao passo que o presidente e o vice-presidente, em findando o seu serviço, confortados com chás, banquetes, etc, vão descançar no Supremo Concelho; estão fatigados, extenuados. Precisam de 36 contos annuaes emquanto viver!

Que os operarios tomem nota dessa passagem e reflictam si devem continuar a concorrer com o seu voto para as farças eleitoraes.

ALGAPAUMA.

Effeitos da actual situação

A alta dos baptisados e casamentos

O padre da freguezia de São José acab de baixar um rescripto elevando para 7$000 opreço dos baptisados e para 25$000 o dos casamentos.

E' ou não a mesma exploração do «honrado» commerciante da nossa praça?

Vejam os trabalhadores: Christo, quando foi baptisado nas aguas do Jordão por João Baptista, como informa a lenda catholica, não pagou a este cousa alguma. Simplesmente como João Baptista era crente e não commercialisava o baptismo, agiu para bem da sua crença.

Por que motivo os padres, que se dizem servos de Deus, como o Christo, não baptisam de graça, só para conquistar mais um adepto da sua religião, que dizem sêr bôa e salvadora da humanidade?

E' que os padres fazem da religião do Christo, dizendo-se seus seguidores, commerciantes da mesma marca que os que augmentam o preço dos generos á vontade, da noite para o dia...

Da guerra de classe resultará isto: ficarem as castas privilegiadas e inactivas expropriadas da riqueza collectiva, que representa o esforço de milhares de desgraçados, e que, em logar de ser em empregada em beneficio de quem a produz, está transformada em instrumento de oppressão e rapina. Porque só no dia em que os meios de producção estiverem em poder dos operarios é que então o trabalho deixará de ser a miseravel escravidão que é, constituindo obrigação para todos. Só assim deixará de existir a exploração do homem pelo homem.

"A HORA SOCIAL"

Expediente

Director A. Correia
Secretario A. Rosa
Gerente J. Britto

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Por anno	6$000
Por semestre	4$000
Numero atrasado	200
Numero avulso	100

Toda correspondencia e valores devem sêr enviados ao camarada José de Britto.

Pede-se aos secretari os syndicaes o obsequio de fornec erem notas, com municações e avisos, até sexta-feira as 12 horas.

Toda collaboração deve sêr endereçada ao camarada Director.

A situação revolucionaria na Italia

A greve de Turim e os movimentos de Ancona

A phase que assumem os acontecimentos proletarios na Italia dá margem a que se forme uma opinião de conjuncto, a respeito da grande lncta ali iniciada, tendendo á transformação do regimen capitalista.

A greve geral de Turim, que durou dez dias, revestiu uma importancia capital, porque teve por objectivo uma das mais importantes questões da lucta social actual: a da constituição dos Conselhos de fabrica e o orgão de preparo para a posse da gestão social pelos trabalhadores.

A *Vie Ouvrière* que é a fonte onde nos informamos a respeito de tão alto movimento, commenta-o com segurança mostrando como o operario italiano está já senhor de qual é a sua finalidade

Já, na Italia, os trabalhadores sabem que as melhorias ephemeras das cooperativas são, antes que um bem, o maior desastre que é dado prever. E, ao envez de procurar pôr escoras a este regimen, por meio de cooperativas e outros que taes, elle lucta dia a dia no sentido do communismo, paralysando o trabalho nas fabricas e nas officinas afim de, não reclamar augmento de salarios, mas impôr a sua presença nos respectivos negocios technicos e administrativos dos estabelecimentos de que é a maior força.

Entre as reivindicações da commissão de greve se destacam as seguintes;

«Todo estabecimento industrial deve reconhecer a commissão interna do seu pessoal.

«Estas commissões serão nomeadas pelas organisações operarias segundo as regras que ellas fixarão; a direcção tomará simplesmente o nome dos eleitos.

«Um ou varios membros da Commissão ficarão á disposição dos trabalhadores durante um numero de horas a determinar segundo a importancia dos estabelecimentos e do trabalho. As horas nas quaes estes membros desempenharem as suas funcções lhes serão pagas.

«Os trabalhadores, durante as horas de trabalho, poderão dirigir-se aos membros da Commissão psra conferenciar com elles, depois de ter obtido autorisação do chefe da officina.»

Vê-se a grande importancia que esta greve teve.

Que os trabalhadores de Pernambuco observem este soberbo exemplo dos camaradas de Turim.

—

Quanto ao movimento de Ancona basta dizer que elle é inteiramente dirigido para a transformação da sociedades capitalista.

A Italia dá-nos, pois, um formoso exemplo que é necessaria estudar—e imitar.

Porque o que queremos, é a transformação da sociedade actual, tomando os trabalhadores que são a maior classe, a direcção da riqueza, sendo elles quem a faz, para beneficio da collectividade.

E' melhor luctar com inimigos declarados, que com amigos suspeitos.

Boycott ao Recenceamento

Em represalia aos actos do governo da republica deportando trabalhadores e invadindo sédes operarias

CARTA ABERTA

(Ao sr. major Umbelino Dias do Sacramento)

Saudações.—Eu sei que v. s. não lê o orgão dos trabalhadores, que é a «A Hora Social», mas, uma vez que este jornal trata da vossa pessoa, não faltarão amigos que lhe façam presente de um exemplar ou mais que seja preciso.

Tive conhecimento que v. s. ha 3 mezes passados, organisou um grupo de 60 homens exclusivamente para o seu serviço, e, compadecido do estádo de miseria em que se achavam esses trabalhadores, fundou uma Sociedade Beneficente a qual tomou o titulo de «16 de Março».

Esta sociedade tem por fim soccorrer os associados quando se acharem impossibilitados de trabalhar. Todos nós, isto é, os luctadores pela causa da liberdade humana, sabemos que a emancipação dos trabalhadores só pode ser obra dos proprios trabalhadores. E, por este motivo, duvidámos da vossa compaixão, e, dias depois tivemos a certeza da nossa duvida com a leitura do regulamento que nos chegou ás mãos, ficando convictos de que esta sociedade foi uma mordaça applicada á bocca deste grupo inconsciente, e uma barreira opposta aos demais trabalhadores de estiva.

E, se assim entendeis, estaes completamente enganado porque a vossa figura já mais impedirá a acção dos trabalhadores livres, conscientes.

Diz o Artigo 5.° da sociedade «a rolha dos trabalhadores»—assim devia ser o seu titulo: «Nenhum associado terá o direito de tomar parte em convite grevista ou anarchista, sob pena de serem eliminados e perderem os gosos dos seus direitos».

Quer isto dizer: sejam quaes forem as condições impostas por v. s. os miseraveis têm que se sujeitar; e, caso reajam, passarão pelas penas do citado artigo.

Acho que v. s. é o homem mais feliz que o ceu cobre.

Feliz sim, porque na epoca actual, em pleno seculo XX, quando o operariado de todo o universo se prepara para derrubar de um só golpe a exploração do homem pelo homem, v. s. consegue manhosamente agrupar a seu geito um bando de trabalhadores como verdadeiros escravos.

E' escandalosa a vossa sociedade.

Na parte que se refere aos deveres dos socios, os estatutos não dizem que estes pagam 500 reis por serviço que fizer, sendo que, muitas vezes, um só trabalhador paga por semana 5 mil reis e mais, conforme a sua disposição no trabalho de 3 e 45, a 6 e 45 que é considerado 1|2 noite, pagando-se 7$000 mil reis; este serviço depois do movimento de 18 de Novembro do anno p. p., v. s. aproveitando-se da queda da União, passou a pagar 1$000 por hora, quando no mesmo trafego ha mestres que os seus interesses são iguaes aos vossos, e até esta data não lançaram mão desta miseria.

Hoje, porem, os socios da União não se sujeitando mais a este serviço, v. s. diz que tem a sua gente.

No serviço no qual ganhamos 7$000 mil reis, a vossa gente ganha 2$000 ficando v. s. com 5$000 de cada um.

Ora, sr. major, isto não é serio! Foi esta a compaixão que teve deste grupo que organisou offerecendo as vantagens de uma sociedade. V. s. não comprehendeu ainda que este mal estar gera nos individuos o espirito de revolta, levando-os a examinar os acontecimentos á luz de um novo criterio.

Ouça-me.

No dia em que estes trabalhadores comprehenderem que o papel por elles representado é de verdadeiros escravos, nem v. s., nem os srs. Philbert, Raul Correia emfim, toda esta camarilha, serão capazes de se atravessarem na sua frente para impedir o gesto de revolta Ninguem mais perseguidor da humanidade do que fosse o Czar Nicolau, da Russia, S. R. M. não dispunha somente de um grupinho de 60 homens; aquelle Monarcha vevia cercado de toda sorte e, dispunha de um exercito de milhões de homens.

Pois bem, ha 3 annos passados, aquelle povo entendeu que se devia libertar daquelle oppressor, e o conseguiu.

A historia é bastante conhecida, e não será somente este que tem de desapparecer com a Revolução social.

Portanto, se v. s. pensasse melhor, em vez de perseguir os trabalhadores, como tem feito, se tornaria amigo, quero dizer, quando viesse aqui a Revolução Social, que será um facto, o Syndicato de sapateiro não lhe negaria uma caderneta de socio, e uma machina para apalazar em qualquer fabrica.

Estou certo que os camaradas da estiva não lhe negariam um lugar a bordo para abrir um guincho, onde foi os seus principios.

E' somente isto que tinha a vos dizer.

Sempre ás suas ordens. (a) ANACLETO S. REIS.

Como o presidente Epítacio interpreta a tal constituição

Ja' não é permittido associar-se livremente

Este movimento paredista que se verifica na visinha capital alagoana está offerecendo assumpto a commentarios e controversias. Varias classes de trabalhadores, cansados de esperar pelo maná, pelos beneficios promettidos—o trabalhador acredita muito nas conversas dos «casacudos»! —promettidos, continuamos, pelo politiqueiro reles que é o intendente de Maceió, ao qual os trabalhadores vieram de incensar, inaugurando-lhe o retrato nas sédes das suas associações, como sendo o Messias anunnciado!

Mas, afinal, os trabalhadores perderam as esperanças.

Viram simplesmente que o tal de politiqueiro não passa de um reles explorador; da mesma marca dos Lundgren de Paulista: viram que elle somente queria o voto dos trabalhadores, isto é, queriam que estes se prestassem ao triste papel de fazel-o grande ao mansueto Leonino, que, como os outros, depois de explorar o trabalhador, colhendo-lhe o voto—esta alienação da vontade humana—lhe metteria os pés, deixando-o mais desgraçado ainda.

Pois bem: os trabalhadores marítimos alagoanos declararam-se em greve.

Sabem que fez o governo? fez o que os governos fazem: armou de rifles a seus policiaes e, combinado com a Associação Commercial—a associação dos "honrados" capitalistas —falou, com emphase:

"Não permittiremos que trabalhem operarios pertencentes á sociedade de resistencia"!!

Ouviram? Immediatamente o cacique alagoano, o trefego Zefernandes communicou para o Cattete, para o dictador de caricatura, o tio Pita.

E, logo, o tio Pita manda um tellegramma ao Zefernandes (não confundir com os personagens do Eça) applaudindo-lhe o acto; louvando-lhe o dito.

E nós, que não temos a veleidade de acreditar na tal Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil, apenas chamamos a attenção dos trabalhadores para este facto. No seu artigo 72, a constituição republicana sentencia que é permittido a qualquer associar-se livremente e sem armas. Ora, si tal é permittido, está claro que nós nos associaremos conforme for da nossa vontade.

Como o governador de Alagoas e o presidente desta patuscada republicana teem o topéte de querer tolher a liberdade de associações dos trabalhadores?

Como?

E' porque a constituição não vale o que o gato enterra, e, como ella não vale, é preciso queimal-a, acabar com ella, porque o que ella diz não se cumpre e dar aos trabalhadores, abatendo-se a burguezia, tomando-se-lhe as machinas e a terra, a ampla liberdade de agir segundo a sua vontade.

Estão vendo porque é que esta Republica não presta.

O TRAFEGO DE ESCRAVOS DO SALARIO

Escriptorios de commissão funccionam nesta cidade para contractar trabalhadores com promessas phantasticas Quando íam embarcar para S. Paulo, dezenas de escravos se recusam

AOS TRABALHADORES DO INTERIOR

A exploração do homem pelo homem acaba de ficar claramente positivada aos olhos dos que ainda a não viam.

O fructo apodrecido do regimen capitalista, que é o regimen do parasitismo humano, acaba de ser apreciado pelos que ainda crêm nas monstruosidades do presente, nas flagrantes injustiças revoltantes da actualidade.

Eia, pois, trabalhadores.

Os srs Martins & Pires, com escriptorio á rua do Livramento n. 110 1° andar, receberam da Companhia Viak dos Santos, de São Paulo, um pedido de fornecimento de 200 trabalhadores para aquelle Estado.

Immediatamente o sr. José Gonçalves da Silva foi ao interior deste Estado—elle não queria trabalhadores do Recife—a fim de executar o pedido.

Em Taquaretinga, Ribeirão e Barreiros conseguiu formar o seu rebanho sob phantasticas promessas de elevados beneficios e vantagens outras.

Ora, o trabalhador do campo, victima da sanha voraz dos proprietarios de terras, dos «senhores» de engenho e dos uzineiros ricaços, ganhando por dia o miseravel salario de 1$500 para qual attenda apenas ás suas necessidades que são prementes, dadas as suas funcções de motor humano—enganados pelas fallazes promessas do negreiro inf me, do traficante de escravos do salario, contractaram-se para esta cidade rumando.

Com a greve de Alagoas, julgou-se aliás com razão, que o plano era conduzir homens para Maceió a fim de atraiçoar o movimento reivindicativo dos nossos camaradas em parede, victimas como todos trabalhadores, de roubo organisados das vigentes instituições sociaes. Para logo começou-se de averiguar. Conseguiu-se colher amplas informações. Soube-se do local onde estavam os camponezes alogados. Eram cubiculos infectos na rua Marcilio Dias, dormindo todos no soalho, montoados como gallinhas em jacá, como saccos de assucar nos grandes armazene dos rapinantes do nosso trabalho.

Visitámos no domingo um desses antros. E' uma casa de commodos, onde vão dormir os desgraçados, sem nenhum conforto numa promiscuidade de pocilga.

A Directoria de Hygiene e Saude Publica, que é custeada pelos dinheiros roubados ao povo pelo Estado—o rei dos oppressores, não cuida de proceder a uma severa vigilancia sobre estes antros anti-hygienicos; a imprensa do outro lado, a imprensa que proclama defender os interesses do povo, não vê estas cousas, não clama contra estas miserias, não lhes perquire as causas provaveis—é o mesmo balcão onde si vendem elogios, onde se compram consciencias. E' defensora do capitalismo.

As dezenas de camponezes contractados, victimas de um desses miseraveis exploradores villissimos, mal dormiam, alimentavam-se mal e elles, coitados, infamando-se sem saber, nem reclamavam,—porque, mesmo, ninguem os attenderia.

O contractante negreiro e os seus asseclas tratavam-n'os como a cães!

Era esta a situação dos escravos. Aos trabalhadores syndicalistas desta cidade, a estes trabalhadores que vão já comprehendendo os seus direitos roubados, tal situação interessou. Falou a solidariedade, esta força irresistivel que ha de ser a lei das sociedades do futuro.

E, ante-hontem, quanto o traficante infame á frente dos seus escravos, na Lingoeta, procurava embarca-los—interveio a solidariedade. Carvoeiros, estivadores e trabalhadores em armazens, num bellissimo movimento nobilitante de protesto, agiram. E agiram com segurança, com energia, como um leão que, ferido, se atira ao aggressor furiosamente. Os brios do proletariado revolucionario estavam offendidos; era mister dar uma lição de moral ao audacioso explorador. E elle apanhou uma surra formidavel, correndo da Lingueta até ao posto policial da Boa Vista!

Foi a mais eloquente prova de consciencia que os nossos camaradas já de am.

Tomem nota os capitalistas...

Do posto da Boa Vista o «charivari» foi ter á Policia Central. Logo que soubemos da noticia, destacámos os companheiros Amaro de Araujo e Luiz Araujo para acompanharem o caso.

Só o truão Julio Machado, o ineffavel delegado do 3o. districto, achou que deveria dar mostra da sua bravura quixotesca. Que autoridade sem criterio, sem compustura. Tambem para policia só gente mesmo do feitio moral do sr. Julio Machado—o tristemente celebre sub-delegado de Santo Antonio, muito conhecido na rua do Sol e em certas casas suspeitas de jogatina, no tempo em que o chefe de policia não revogava os dispositivos do tal codigo penal, como hoje o sr. Julio Machado pôz, então, a suas unhas de fora.

Mas, sahiu-lhe a peça lograda.

O chefe de policia achou que o negreiro não tinte razão, que havia uma lei que prohibia a sahida de trabalhadores.

O que lhe competia dizer ao sr. José Gençalves é que elle, como explorador de homens, traficante de escravos de salarios, estava commettendo uma torpeza, uma infamia revoltante, ganhando 4$000 por cada cabeça de trabalhador contractado!

E eis como depois que, juridicamente se aboliu a escravidão em 13 de Maio de 1888, no Brasil—a ultra-democratica republica de s.m. Epitacio I. um commerciante trafica com trabalhadores, levando uma porcentagem em cada um dos que arranjar!

Eis um facto que vem provar como ainda existe escravidão.

Que fazer, trabalhadores?

Reagir contra taes individuos; reagir contra esta exploração: reagir contra este regimen de embusteiros e salteadores de chapéo alto e casaca; reagir contra a escravidão do patronato; reagir contra esta republica... de estudantes, e tomar as machinas e as fabricas, os campos e os arados, as officinas e as ferrovias, acabando-se com a sociedade capitalista.

Os metallurgicos voltam-se para os grandes problemas

Revestiu alta importancia a sessão de hontem do Syndicato dos Metallurgicos. A concorrencia de associados foi animadora, achando-se o amplo salão literalmente cheio.

Presidiu á sessão o companheiro Odilon Chalegre.

Os assumptos constantes da ordem do dia foram de muita relevancia, destacando-se:

1°—Tratar do encetamento de uma campanha para organisar a grande classe metallurgica desta cidade e do interior do Estado;

2°—Fazer a alliança com as classes metallurgicas dos Estados circumvinhos distribuindo-se circulares, manifestos e enviando-se commissões etc.

Ainda foram examinados outros assumptos de somenos importancia.

Em vista da carencia de espaço e tambem das informações nos terem chegado á noite, deixamos de commentar o valor da iniciativa que acabam de adoptar os camaradas metallurgicos, o que faremos na proxima edição.

O que poderemos, desde já, annotar é que a perigosa incursão dos metallurgicos no campo arido do cooperativismo parece idéa a ir pouco a pouco sendo affastada.

Precisamos olhar o futuro que nos pertence, educando-nos na escola revolucionaria, solidificando o nosso pensamento de céar, porque somos a força, a ordem communista.

Avante!

Explicação necesssaria

Explora-se por ahi alem o facto da minha retirada da commissão executiva da Federação das Classes Trabalhadoras e da gerencia da «A Hora Social».

Naturalmente as versões se desencontram— o que vem provar um habito muito reprovavel de se dar trela á lingua, falando-se sem conhecimento de causa.

Quando, contra mim, se arguiram accusações de não ser delegado do Syndicato de Jaboatão, a Federação, a meu requerimento, solicitou daquella sociedade informes a respeito.

O respectivo secretario, Severino Roberto, declarou o que constava: que eu era, de facto, authentico delegado. Logo, eram inveridicos taes argumentos. Agora, porem, aquelle Syndicato confirmou um triste attestado: se já não se reunia, ou mal se reunia, hoje está, pode se dizer, num periodo de completa estagnação, isto é, em estado de morte apparente.

Pelo exposto, não funccionando, ou mesmo o fazendo irregularmente, o Syndicato que eu representava, implicitamente, como fez o delegado do Cabo, estava exonerado. Foi o que fiz na reunião de quarta-feira ultima da Federação.

Isto quanto ao caso da secretaria geral. Sobre a gerencia da «A Hora Social» identicas circumstancias militaram, adoptando eu resolução semelhante á do caso da secretaria geral.

Eis a questão. Dizia-se que eu me apegava a interesses pessoaes, sobrepondo-os aos da causa libertaria. Dou um attestado frisante de que não era assim.

Deixei os cargos, que eram o argumento dos linguarazes contra mim. Continuarei a militar.

E elles, na sua faina mesquinha, continuam a boquejar...

AMARO DE ARAUJO